
O povoado proto-histórico da Quinta da Aramenha (Santana, Cartaxo)

SOFIA GABRIEL TERESO¹
SÓNIA DUARTE FERREIRA¹

R E S U M O

O sítio arqueológico da Quinta da Aramenha, bem implantado em elevação sobranceira aos vales do Tejo e da Azambuja, foi descoberto no âmbito do acompanhamento arqueológico do alargamento da A-1, entre Aveiras de Cima e Santarém, durante a exploração de saibreira que aí se encontrava há já alguns anos. Durante os trabalhos de prospecção e limpeza de corte estratigráfico, foi possível reconhecer uma elevada concentração de espólio arqueológico, tendo sido recolhidos artefactos enquadráveis em diferentes culturas materiais, com especial relevância para as Idades do Bronze e do Ferro. Devido à natureza não destrutiva dos trabalhos realizados, não foram identificados vestígios visíveis de estruturas nem materiais associados à transformação do metal, salientando-se os instrumentos em sílex, os inúmeros fragmentos de cerâmica de construção assim como de vasos e taças de fabrico manual e a torno, testemunhos de uma longa ocupação humana.

A B S T R A C T

The archaeological site of Quinta da Aramenha, well set in a dominant height to the Tejo and Azambuja valleys, was found throughout an archaeological attendance in the A-1 widening, between Aveiras de Cima and Santarém, during an examination in a gravel site, which was set there for quite some time. For the period of the stratigraphic cut prospection and cleaning, it was possible to recognize a high concentration of archaeological spoils. Some artefacts, which could be grouped in different material cultures, were gathered, with special relevance to the Bronze and Iron Ages. Due to the non-destructive nature of the work done, there were not identified any visible traces of any structures or materials associated to the metal transformation. One should notice the silex instruments, the countless construction ceramics fragments as well as the many vases and cups of manual and lathe production, life testimonies of an extended human occupation.

1. Enquadramento geográfico e geológico

A Quinta da Aramenha localiza-se na freguesia de Santana, concelho do Cartaxo, a 100 m da estação de caminho-de-ferro de Santana do Cartaxo. Implantada num cabeço a cerca de 4000 m do rio Tejo, que corre para Este, e com ampla perspectiva sobre todo o seu vale, a vertente Norte da

propriedade encontra-se sobranceira ao vale da ribeira da Azambuja, ladeada de terrenos férteis propícios à intensa actividade agrícola que se faz nesta região escalabitana (Fig. 1).

Integrada no Sistema Aquífero da Bacia do Tejo-Sado, em área que se caracteriza por ter uma morfologia suave, de baixas colinas, a água que serve a Quinta da Aramenha provém, essencialmente, da ribeira da Azambuja, assim como de outras linhas secundárias, subafluentes do rio Tejo (Fig. 2).

A propriedade, composta por pequenos cabeços de saibro (Fig. 3), apresenta estratigrafia que se caracteriza por uma camada inicial de terra vegetal com cerca de 50 a 70 cm, seguida de uma



Fig. 1 Mapa com a localização do sítio da Aramenha.



Fig. 2 Vista geral do vale do rio Tejo, a partir da Quinta da Aramenha.

camada de sedimentos arenosos (saibro) de cor amarelada/avermelhada, contendo camadas de seixos de pequena dimensão.

São características desta região duas formações geológicas distintas, integradas do Período Terciário, nomeadamente, das Épocas Miocénica e Pliocénica, definidas por:

- Miocénico, constituído, essencialmente, por margas, argilas margosas intercaladas por areias de granulometria variada, umas vezes finas, siltosas e micáceas, outras vezes médias e grosseiras.
- Pliocénico (Moderno), que inclui os depósitos aluvionares, que fazem o enchimento das linhas de água de maior desenvolvimento. Caracterizam-se, em geral, por sedimentos lodosos, areno-argilosos e areno-lodosos, com seixos dispersos. Apresentam transição para terrenos mais específicos do Pliocénico, constituídos essencialmente por areias silto-argilas, com algumas intercalações argilo-siltosas.

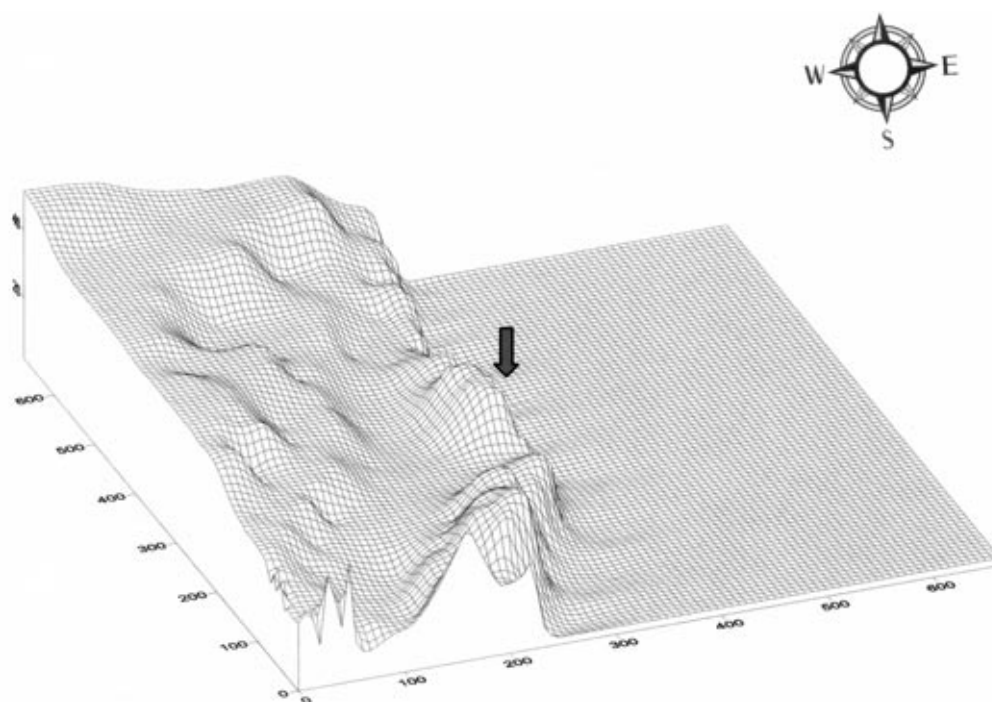


Fig. 3 Levantamento em 3D da estação arqueológica da Quinta da Aramenha e zona envolvente.

2. Descoberta

A execução do projecto de alargamento e beneficiação para 2 x 3 vias da A1 (desde o Nó de Aveiras de Cima, terminando a cerca de 2,5 km do Nó de Santarém) promovido pela BRISA, Auto-Estradas de Portugal, S.A., foi adjudicado à SOMAGUE, Engenharia, S.A., incluindo obras de arte, vedações, pavimentação, paisagismo, desmatações, terraplanagens, aterros e drenagens.

O acompanhamento arqueológico foi adjudicado à ARCHEOCELIS, Investigações Arqueológicas, Lda. Os trabalhos de acompanhamento foram devidamente autorizados pelo Instituto



Fig. 4 Aspecto da propriedade e da saibreira ainda em actividade.



Fig. 5 Aspecto da propriedade e da saibreira ainda em actividade.

Português de Arqueologia (IPA) e decorreram de acordo com a legislação em vigor (Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho, com as devidas alterações que lhe foram introduzidas pela Decreto-Lei n.º 287/2000, de 10 de Novembro).

O acompanhamento arqueológico foi efectuado por uma das subscritoras (S.G.T.) desde do dia 3 de Novembro de 2003 até ao fim do mês de Março de 2005, tendo a equipa sido reforçada no dia 10 de Setembro de 2004, pela outra signatária (S.D.F.), que ali se manteve presente até ao dia 1 de Março de 2005.

No âmbito daquele acompanhamento foram prospectados e acompanhados, entre outras frentes de obra, todos os trabalhos de empréstimo de solos com destino aos aterros da A1. Foram explorados perto de duas dezenas de empréstimo de saibro ao longo de toda a obra, sendo que os trabalhos de prospecção e acompanhamento apenas revelaram materiais subactuais em alguns deles, à excepção de 2 sítios, um dos quais agora se dá a conhecer.

A exploração de solos na Quinta da Aramenha iniciou-se no final do mês de Setembro de 2004, em zona correspondente a antiga saibreira (Figs. 4 e 5). Durante o acompanhamento da extracção de saibro na Quinta da Aramenha, foram detectados pelas arqueólogas signatárias, acima da exploração, num cabeço com uma altura de 36 m, vestígios arqueológicos pertencentes a diferentes épocas.

Foram imediatamente alertados todos os organismos competentes, incluindo o promotor e empreiteiro da obra em curso, bem como o Instituto Português de Arqueologia, tendo sido agen-

dada visita daquela instituição tutelar, no início de Outubro de 2004. Após visita da extensão do IPA de Torres Novas, ficou deliberado que a extracção de solos só poderia decorrer dentro dos limites já definidos pelas máquinas e assinalados pelas arqueólogas de campo através de fita sinalizadora. Segundo notificação datada de dia 14 de Outubro, a continuação da exploração de saibros na Quinta da Aramenha só poderá ser possível após escavações arqueológicas.

3. Trabalhos realizados

Segundo a Lei do Património Cultural Português (Lei n.º 107/01, de 8 de Setembro) os grandes empreendimentos públicos ou privados que envolvam significativa transformação da topografia ou paisagem, bem como do leito ou subsolo de águas, como é o caso de um alargamento de uma auto-estrada, estão sujeitos a acções de minimização de impactes arqueológicos. Estas medidas incluem acções que visem a detecção, o estudo, a salvaguarda de bens arqueológicos através de metodologias como o acompanhamento, prospecções, acções de registo, sondagens ou outras medidas de conservação.

A equipa de campo responsável pelo acompanhamento dos trabalhos de terraplenagens, fundações e remoção de solos e de acordo com metodologia arqueológica adoptada, realizou, tanto nas zonas correspondentes ao traçado da via e empréstimo de solos, bem como nas áreas envolventes, prospecções arqueológicas, explorações superficiais sem remoção de sedimentos com o objectivo de identificar, conhecer e proteger eventuais bens patrimoniais.

No seguimento deste processo, a propriedade da Quinta da Aramenha foi exaustivamente prospectada dentro de uma área previamente estabelecida, tendo sido encontrados, mais concentrados no cabeço situado a uma cota mais elevada, diversos fragmentos de cerâmica, algumas com decoração, assim como alguns materiais em sílex, por certo pertencentes a diferentes períodos culturais.

Entretanto, após a limpeza da terra vegetal amontoada junto dos limites estabelecidos foi posto a descoberto nível de terra de cor castanha acinzentada muito escura, contendo abundante espólio cerâmico, na sua maioria material de construção, formando uma deposição em forma de ampla fossa, conservando elevada concentração de matéria orgânica, cujo significado só poderá ser compreendido através de escavação em área.

Foi efectuado um corte com um total de 7,70 m, o qual foi devidamente limpo e registado gráfica e fotograficamente e o espólio arqueológico recolhido para posterior tratamento em gabinete (Figs. 6 e 7).

Na leitura do corte efectuado foi possível reconhecer os seguintes níveis estratigráficos (Fig. 8):

C1 – Camada de sedimentos silto-arenosos de cor castanha, com 0,24 m de altura máxima, na qual se recolheram algumas cerâmicas, de pastas cinzenta e laranja.

C2 – Camada de sedimentos silto-arenosos de cor cinzenta escura, com 0,04 a 0,76 m de altura, formando uma espécie de bolsa, rica em matéria orgânica (foram identificados alguns ossos de animais e pequenos carvões), contendo diversos materiais cerâmicos, na sua maioria materiais de construção, mas também diversos vasos e taças, entre outros, de pastas acinzentadas e alaranjadas, e três pequenos fragmentos de sílex.

C3 – Camada de sedimentos arenosos de grão médio, de cor amarelada, medindo entre 0,02 e 0,70 m de altura, aparentemente estéril em artefactos arqueológicos.

C4 – Nível geológico de sedimentos arenosos (saibro) de cor avermelhada, de grandes dimensões, estéril em materiais arqueológicos.

Segundo indicação do IPA, esse mesmo corte foi protegido por geotêxtil e coberto por terra. Contudo e devido à elevada pluviosidade que se fez sentir houve um aluimento parcial. Todo o material que aí se conseguiu recuperar foi igualmente guardado e devidamente tratado.



Fig. 6 Aspecto do corte depois de limpo.



Fig. 7 Pormenor do corte depois de limpo.

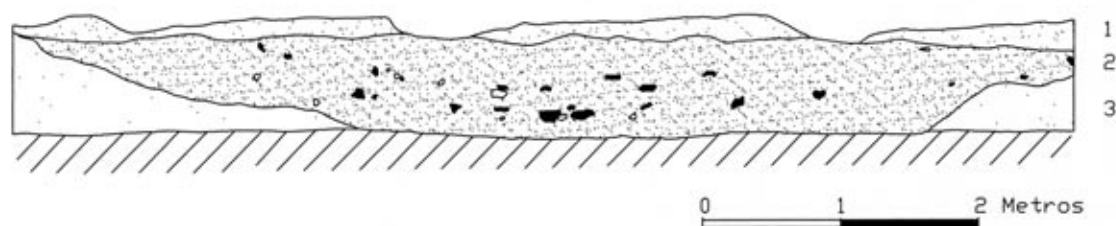


Fig. 8 Registro gráfico do corte estratigráfico.

4. Espólio

Todo o espólio recolhido, quer lítico quer cerâmico, tanto em prospecção, como aquando da execução do corte estratigráfico ou recuperado nos sedimentos do aluimento, foi devidamente tratado. Os materiais foram integralmente lavados, marcados, colados, inventariados e registados fotográfica e/ou graficamente. Posteriormente foi realizado o respectivo estudo, por parte das signatárias, do qual se seguem as conclusões preliminares.

4.1. Lítico

Durante os trabalhos de prospecção e também na recolha possível dos materiais envolvidos nos sedimentos que aluíram com o corte, foram identificados um total de vinte e sete artefactos líticos. A matéria-prima predominante é o sílex (59%), existindo um número considerável de espólio sobre quartzito (30%). Em menor número surgem os materiais em quartzo, de cor rosada ou branca (11%).

Entre os artefactos recuperados destacam-se os dois seixos afeiçoados, um percutor em quartzo, quatro núcleos ou fragmentos nucleares, assim como três lâminas, uma delas com retoque de tipo denticulado e outra com retoque na extremidade distal, que pode ter funcionado como raspador. A maioria corresponde a lascas (44%), uma delas com retoque descontínuo, e outras duas oferecem vestígios de possíveis retoques nas extremidades distais (Figs. 9 e 10).

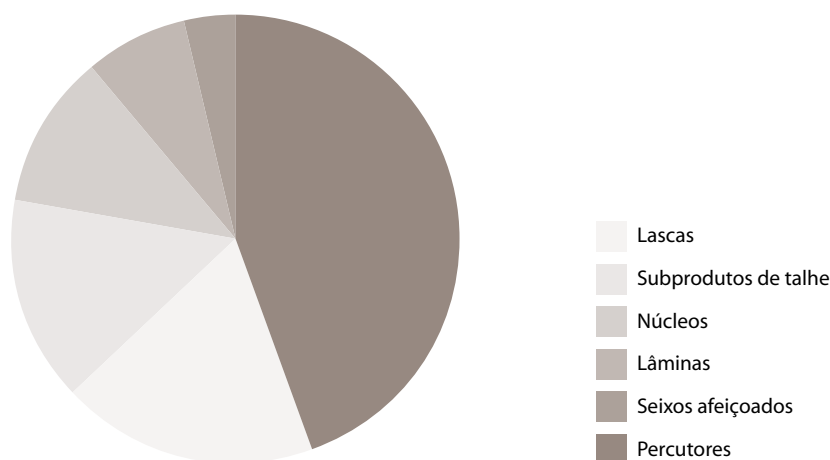


Fig. 9 Espólio lítico identificado, proveniente da Quinta da Aramenha.

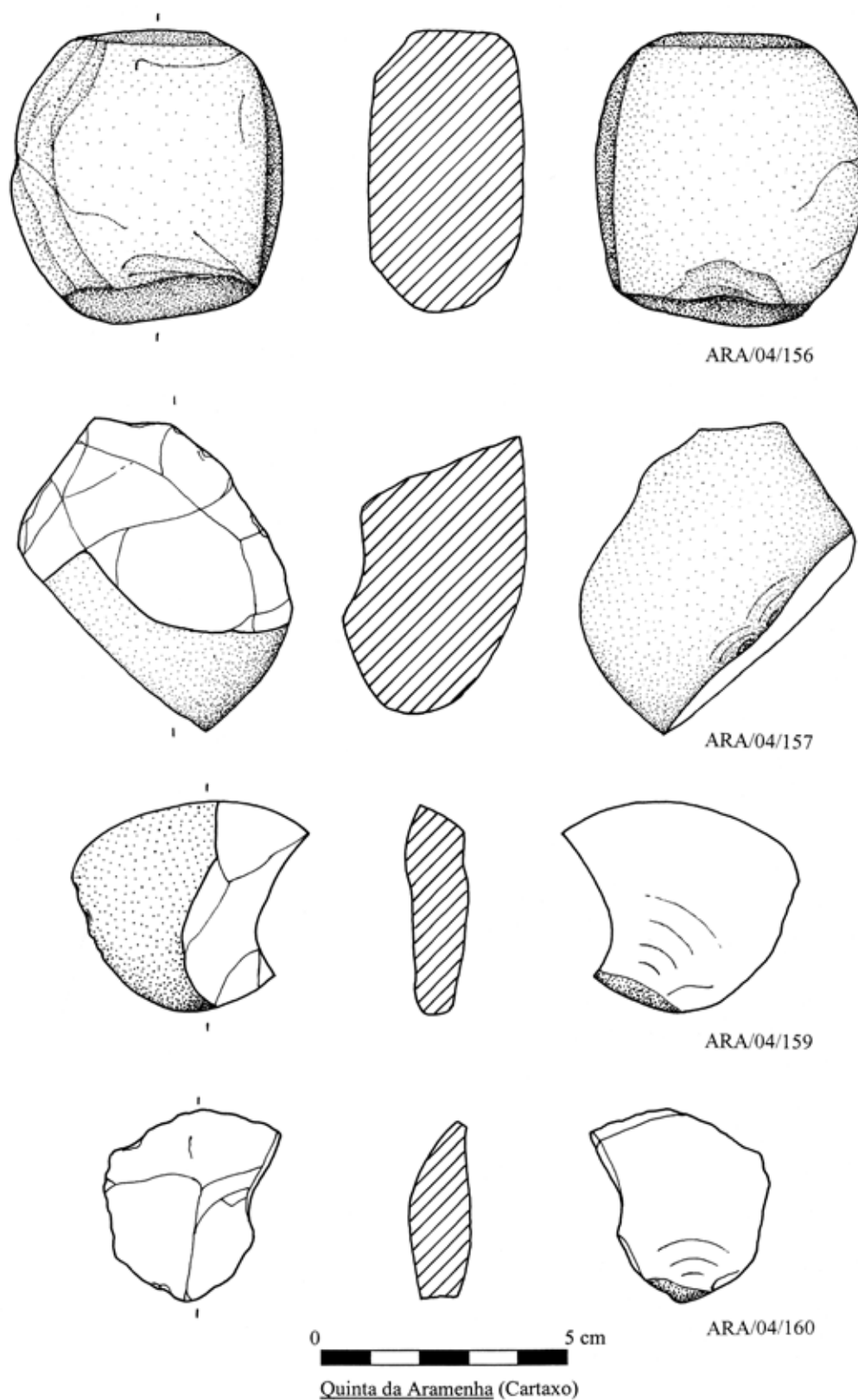
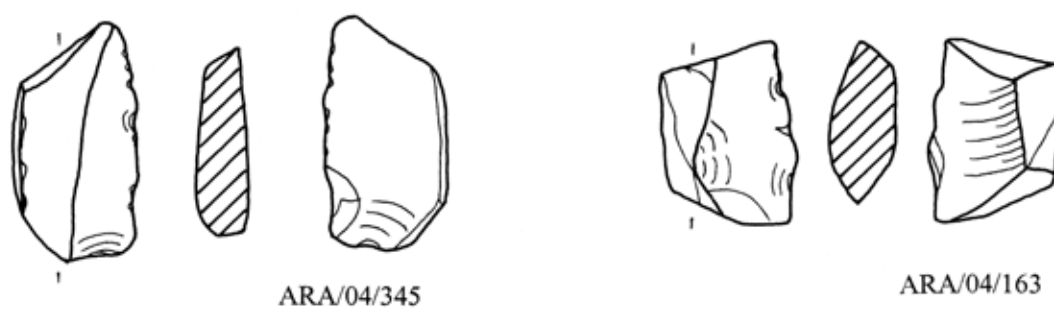
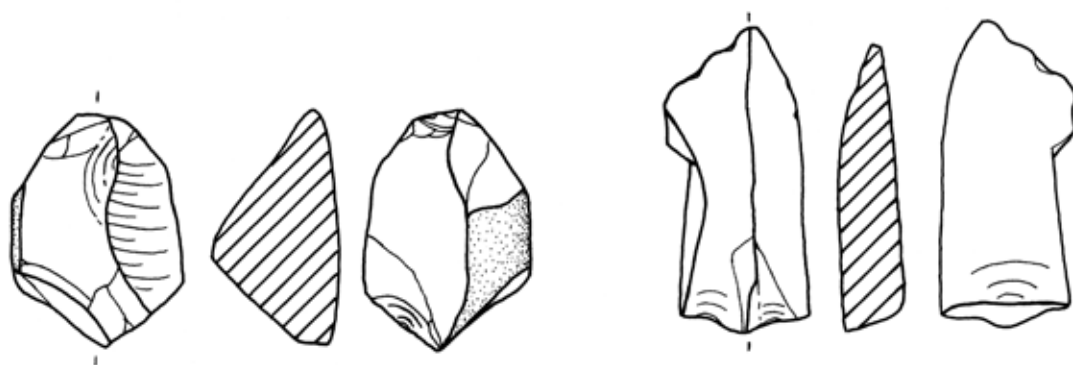


Fig. 10



Quinta da Aramenha (Cartaxo)

Quadro 1. Líticos encontrados em prospeção e em corte no sítio arqueológico da Quinta da Aramenha

<i>N.º peça</i>	<i>Matéria-prima</i>	<i>Medidas (mm) (comp. - larg. - esp.)</i>	<i>Descrição</i>
156	Quartzito rosado	60-55-31	Percutor com sinais de desgaste nas arestas.
157	Quartzito	65-41-40	Seixo de quartzito com diversos levantamentos; encontra-se fracturado.
158	Quartzito	–	Seixo de quartzito conservando diversos levantamentos.
159	Quartzito	39-45-13	Lasca de quartzito em “gomo de laranja”, com 60% de córtex no dorso.
160	Quartzito	39-30-13	Lasca de quartzito com talão unifacetado.
161	Sílex	37-25-16	Núcleo com vestígios de cortex, contendo uma série de extracções aleatórias.
162	Sílex	46-18-10	Lasca de sílex de proporções laminares com talão unifacetado, e dorso com uma aresta central.
163	Sílex	22-28-13	Lasca com o talão bifacetado; zona distal com 3 retoques descontínuos que formam um denticulado; no dorso, vestígios de uma extracção posterior transversal.
164	Quartzito	32-16-07	Lasca com proporções laminares, com talão unifacetado e fractura de siret.
165	Sílex	–	Resto de talhe ou debrisse.
166	Sílex	24-20-10	Lasca com talão unifacetado, contendo no dorso vestígios do córtex.
167	Sílex	20-20-06	Fragmento de lâmina com talão unifacetado; apresenta na zona transversal 3 retoques descontínuos que formam um denticulado.
168	Sílex	–	Núcleo completamente esgotado.
169	Sílex	20-19-04	Lasca com talão unifacetado, e parte transversal cortical; no dorso e cara ventral há vestígios de córtex; extracção anterior no dorso.
170	Sílex	–	Debrisse com superfície cortical.
171	Sílex	–	Debrisse.
172	Sílex	–	Pequeno núcleo.
345	Quartzito	35-20-10	Lasca com atributos não definidos, e possível retoque na parte transversal devido ao uso.
346	Sílex	30-19-11	Fragmento laminar, com talão unifacetado e dorso com uma aresta central; zona distal com possíveis retoques (raspador?).
347	Quartzito	36-20-07	Lasca com talão cortical e parte dorsal com aresta central bem vincada.
348	Quartzito	30-16-07	Lasca com atributos pouco definidos e possível talão unifacetado; no dorso existem vários vestígios de corte (com percutor brando).
349	Quartzito	32-23-09	Lasca com talão bifacetado.
350	Sílex	28-13-07	Debrisse, conserva ainda vestígios do córtex.
351	Quartzito	16-16-04	Fragmento de lâmina.
352	Sílex	–	Debrisse, conserva ainda vestígios do córtex.
353	Sílex	–	Debrisse, conserva ainda vestígios do córtex.
354	Sílex	34-12-09	Fragmento de núcleo.

4.2. Cerâmico

O espólio cerâmico recolhido tanto em prospecção, como no acerto do corte estratigráfico, como no aluimento de terras, revelou uma elevada diversidade que atesta a ocupação daquele sítio, com excepcionais condições geoestratégicas, em tempos recuados, localizado num cabeço sobranceiro à ribeira da Azambuja, próximo do rio Tejo, e com um vasto horizonte visual sobre todo o vale.

Foram recolhidas 455 peças, sendo que cerca de 30% corresponde a fragmentos cerâmica de construção, quase sempre de fabrico grosseiro, onde predominam as pastas laranjas e castanhas.

Do restante espólio cerâmico, por vezes muito rolado, sob a forma de fragmentos, foi possível identificar diversos recipientes cerâmicos, abrangendo apenas secções de paredes de bojos e colos, em cerca de 84% dos casos, e 10% conservam parte referente ao bordo. Os restantes mostram fundo ou arranque do mesmo, ou trata-se de fragmentos de asas.

Os materiais devidamente tratados, permitiram a identificação de fragmentos da mesma peça e, sempre que possível, a respectiva colagem. Do espólio mais significativo foi efectuada uma descrição mais pormenorizada, que compõe o catálogo adiante apresentado.

Entre as formas identificadas destacam-se as taças carenadas, das quais se inventariaram sete peças, e os vasos, com bordo extrovertido e lábio de secção semicircular ou ligeiramente biselado, corpo globular e fundo quase plano. Estas formas foram produzidas com pastas de cor cinzenta, cozidas em ambiente redutor, conservando ambas superfícies bem alisadas, ou mesmo brunidas.

As cerâmicas de pastas laranjas mostram formas distintas, com predominância dos bordos extrovertidos, aplanados superiormente, oferecendo pastas geralmente mais grosseiras e acabamentos menos cuidados.

Destacam-se, entre as diversas cerâmicas recolhidas, dois fragmentos que pertenceriam a grandes contentores de armazenamento. Um deles, conservando parte de bordo, pode tratar-se de um *dolium* e o segundo corresponde a asa bífida de pasta clara, que terá pertencido a recipiente anfórico.

No seu conjunto mostram pastas de uma maneira geral compactas, por vezes muito compactas, conservando um razoável nível de homogeneidade, apesar de se observarem, frequentemente, a presença de abundantes elementos não plásticos, de dimensão média. Aquelas oferecem diferentes tonalidades, desde os tons de bege/creme ou rosado, em menor número, até às pastas de cor

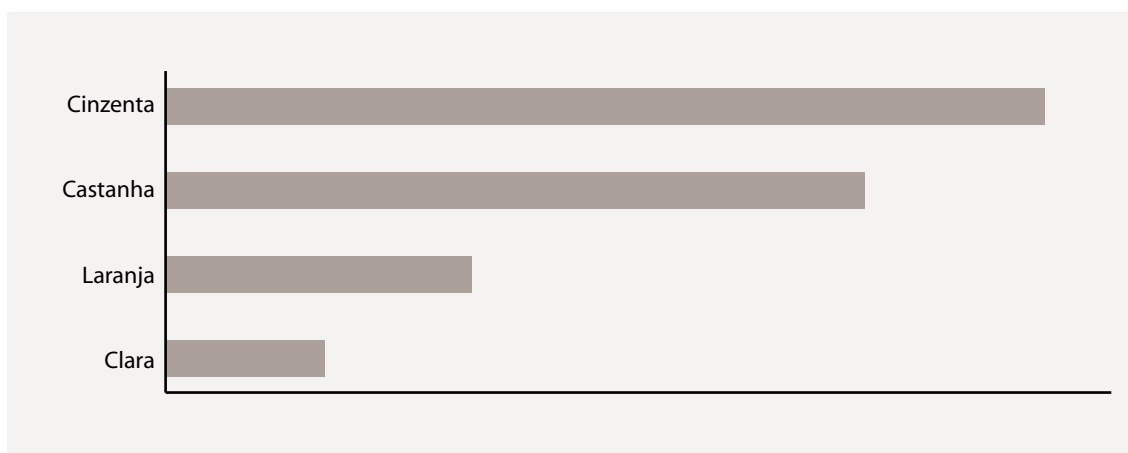


Fig. 11 Tonalidades predominantes das pastas das cerâmicas observadas.

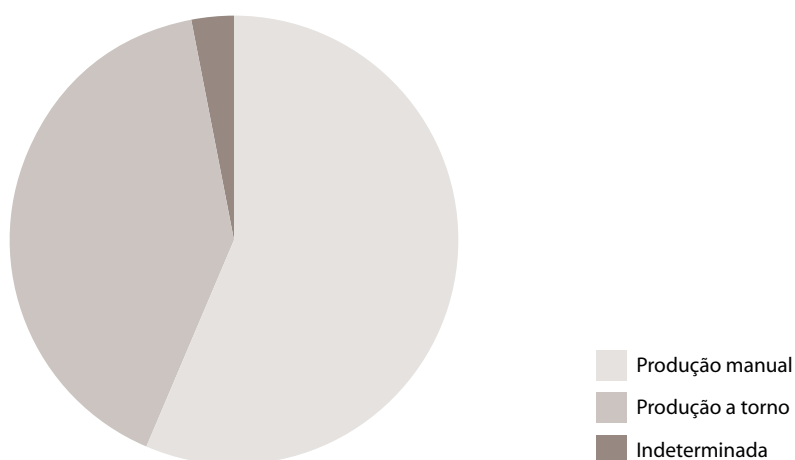


Fig. 12 Tipo de fabrico dos recipientes cerâmicos recolhidos na Quinta da Aramenha.

cinzenta, por vezes muito escuras, quase negras, indicadora do ambiente redutor a que estiveram sujeitas durante o processo de cozedura (Fig. 11). Salienta-se ainda o facto de alguns exemplares mostrarem manchas negras, denunciando exposição ao fogo.

Predominam as cerâmicas de fabrico manual (56,4%), as de fabrico a torno são em menos quantidade (40,8%) e em 2,8% não foi possível identificar o tipo de produção (Fig. 12).

Em 80% dos casos observados ambas superfícies apresentam-se alisadas, variando o nível de perfeição desse procedimento. Poucas são aquelas que mostram elevado grau de irregularidade, sendo que apenas numa diminuta percentagem (1%) foi possível reconhecer um brilho característico de acção de polimento (ou brunido).

Uma parte dos recipientes cerâmicos estudados (7,2%) mostra decoração nas suas superfícies exteriores. As técnicas decorativas resumem-se às caneluras, às linhas incisas, às penteadas, formando elemento ou série de linhas ondulantes (principalmente) e em ziguezague num dos exemplares, e um fragmento conserva ainda decoração coroplástica (mamilo) (Fig. 13).

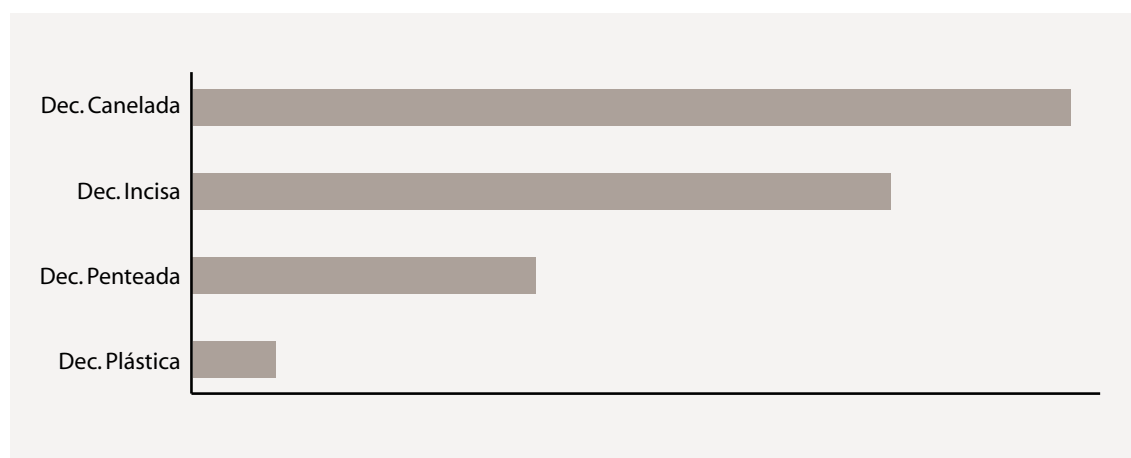


Fig. 13 Tipo de decorações reconhecidas nos fragmentos cerâmicos estudados.

4.2.1. Catálogo

De um conjunto de 455 fragmentos, apenas 29 foram seleccionados para constar no presente catálogo, tendo os restantes sido rejeitados por corresponderem a fragmentos de paredes de reduzidas dimensões, de formas indeterminadas, ou cerâmica de construção.

ARA/04/127 Taça.

Dois fragmentos abrangendo parte do bordo introvertido, com lábio inclinado para o exterior, de perfil em bisel, e parte do corpo com carena alta. A pasta apresenta-se bastante compacta e homogénea, contendo alguns desgordurantes de média dimensão (nomeadamente quartzo e biotite), de cor cinzenta muito escura. As superfícies são brunidas, de cor castanha. Mede 14,8 cm de diâmetro do bordo, o qual dista 2,4 cm da inflexão da carena, e as paredes têm 0,5 cm de espessura mínima e 0,7 cm de espessura máxima (Fig. 14).

ARA/04/154 Vaso.

Cinco fragmentos conservando parte de bordo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, e arranque do bojo de forma globular. A pasta é bastante compacta e homogénea, contendo muitos elementos não plásticos de pequena dimensão (sobretudo micáceos — biotite e moscovite), de cor cinzenta escura. Ambas superfícies apresentam-se alisadas, com marcas de produção a torno, e são da mesma cor do núcleo. Mede 14,2 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,4 cm de espessura mínima e 0,7 cm de espessura máxima (Fig. 14).

ARA/04/63 Vaso.

Dois fragmentos conservando parte de bordo extrovertido, com lábio pendente de perfil triangular, e arranque do bojo. A pasta apresenta-se bastante compacta e homogénea, com alguns elementos não plásticos de pequena e média dimensão (quartzíticos e micáceos), de tonalidade cinzenta escura. A superfície interna é de cor castanha clara e a externa castanha escura, tendo sido ambas alisadas. Mede 16,4 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm de 0,4 a 0,8 cm de espessuras mínima e máxima, respectivamente (Fig. 14).

ARA/04/134 Vaso.

Pequeno fragmento abrangendo apenas porção de bordo extrovertido, com lábio de perfil semicircular. A pasta mostra-se relativamente compacta, contendo alguns elementos não plásticos de pequena e alguns de grande dimensão (quartzo e mica — biotite), de cor castanha escura. As superfícies, alisadas, ostentam, igualmente, cor castanha escura. Mede 11,8 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm de 0,7 cm de espessura média (Fig. 14).

ARA/04/457 Taça.

Fragmento de bordo vertical, com lábio inclinado para o exterior e perfil em bisel, conservando ainda parte do corpo carenado. A pasta apresenta-se compacta mas pouco homogénea, com muitos desgordurantes de pequena a grande dimensão (quartzo, mica e feldspato), de cor castanha acinzentada. As superfícies estão algo irregulares, devido a desgaste abrasivo, mas parecem ter sido polidas ou mesmo brunidas, de tonalidade castanha acinzentada clara. Mede 17 cm de diâmetro do bordo, o qual dista 3,1 cm da inflexão da carena, e as paredes têm de 0,4 a 0,8 cm de espessuras mínima e máxima, respectivamente (Fig. 15).

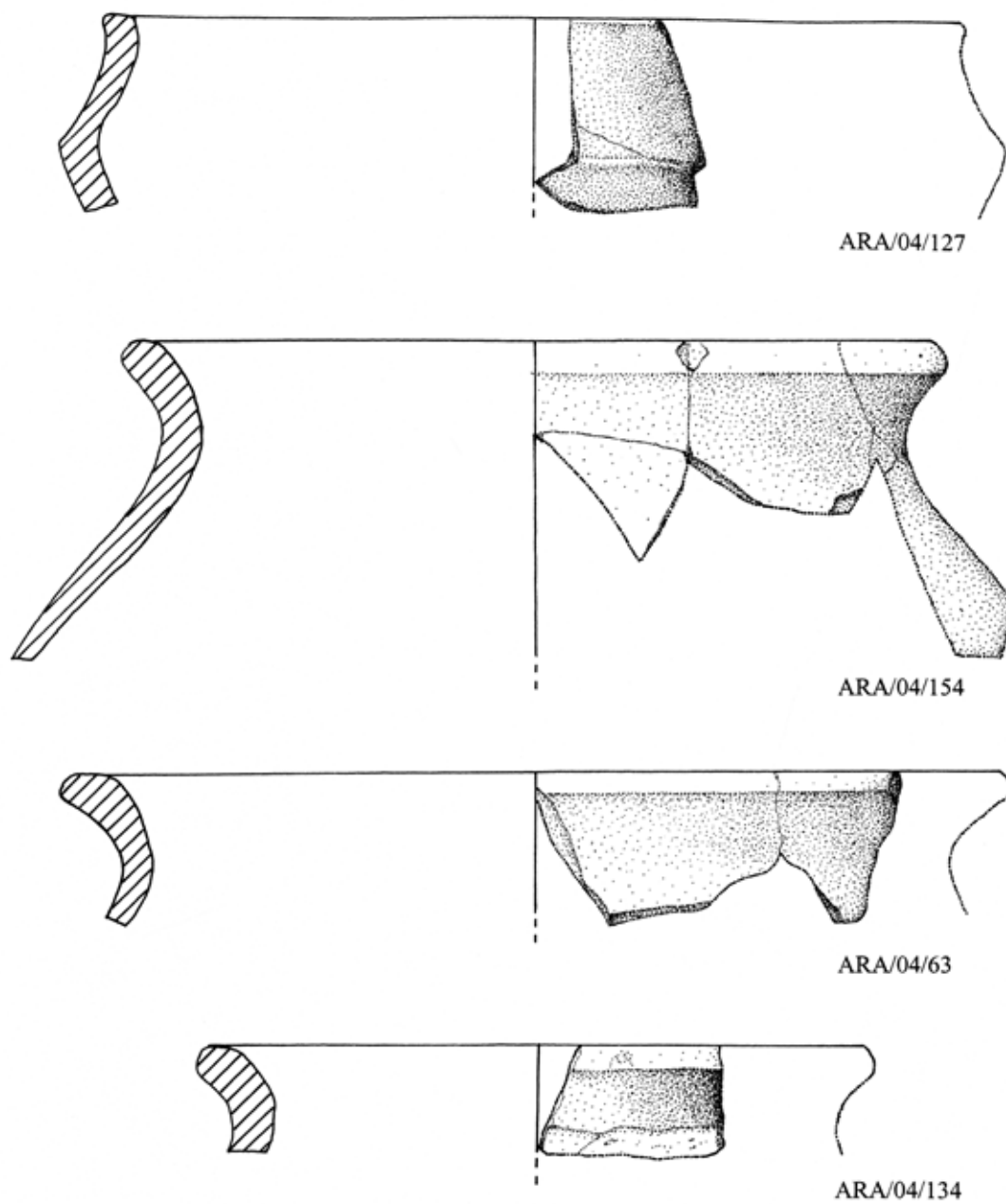


Fig. 14

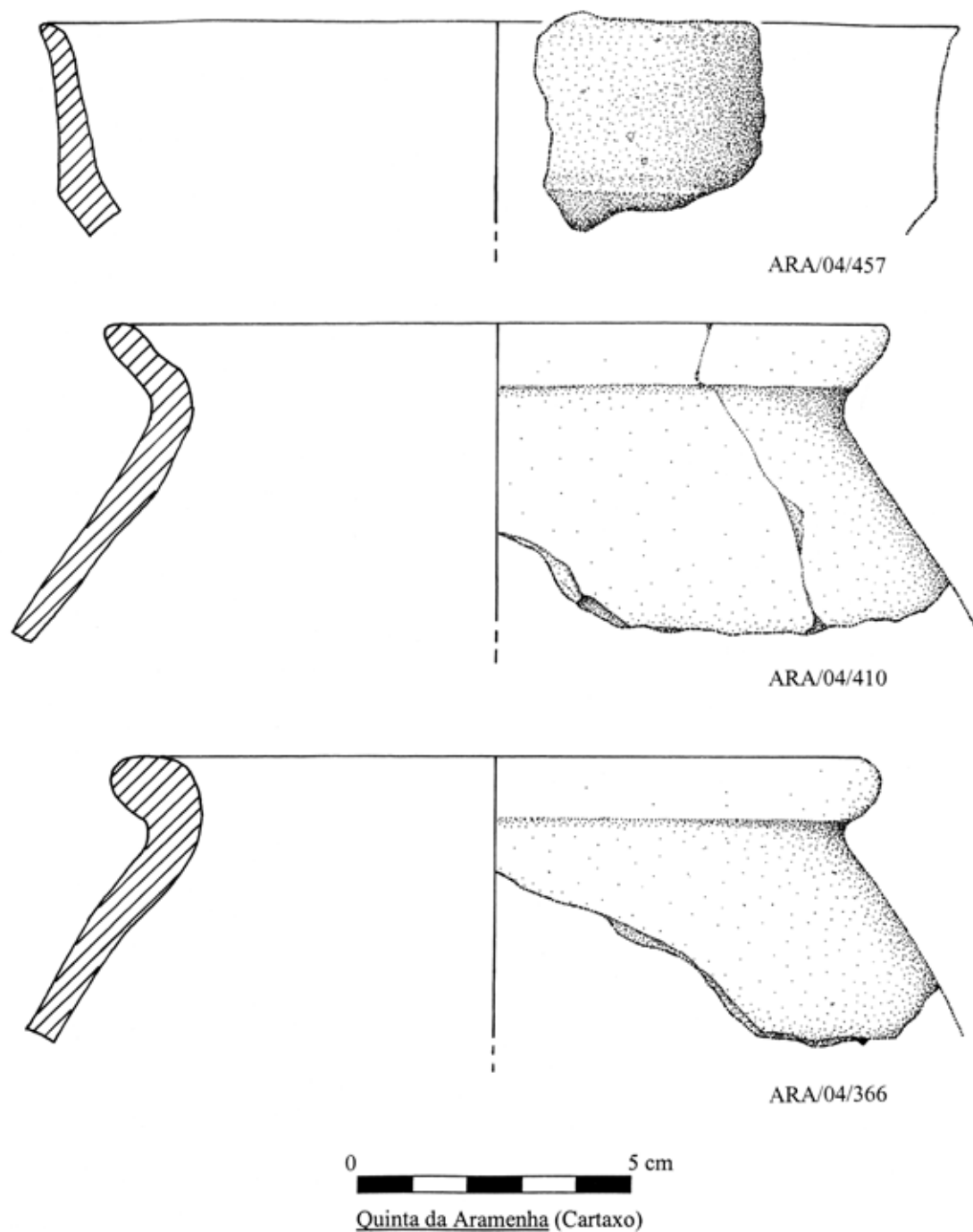


Fig. 15

ARA/04/410 Vaso.

Dois fragmentos, abrangendo parte do bordo extrovertido, em aba oblíqua, com rebordo no interior e lábio de perfil semicircular, e porção da metade superior do bojo, de forma globular. A pasta apresenta-se relativamente compacta, contendo elementos não plásticos de pequena a grande dimensão (quartzo e mica — biotite), de cor castanha alaranjada. A superfície externa é de cor castanha e a interna de cor castanha alaranjada, conservando marcas de produção a torno, sendo que ambas foram alisadas. Mede 14,5 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,4 cm de espessura mínima e 0,8 cm de espessura máxima (Fig. 15).

ARA/04/366 Vaso.

Fragmento conservando parte do bordo, extrovertido e espessado exteriormente, com lábio de perfil semicircular, e início do bojo. A pasta mostra-se relativamente compacta e homogénea, contendo bastantes desengordurantes de grão médio e alguns grandes (quartzo, mica — biotite e calcário), de cor cinzenta. As superfícies são alisadas, a externa apresenta tonalidade castanha acinzentada escura e a interna é de cor castanha alaranjada. Mede 14,2 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,6 cm de espessura mínima e 1,0 cm de espessura máxima, no bordo (Fig. 15).

ARA/04/126 Vaso.

Três fragmentos abrangendo porção de fundo de base aplanada e de parte inferior do bojo. A pasta apresenta-se bastante compacta e homogénea, contendo poucos elementos não plásticos de pequena dimensão (quartzíticos e micáceos), de cor castanha. As superfícies são, aparentemente, polidas e de cor cinzenta acastanhada (externa) e cinzenta escura (interna). Oferece ainda decoração incisa na superfície externa, reconhecendo-se apenas um traço vertical, pouco profundo. Mede 9,6 cm de diâmetro do fundo e as paredes têm 0,5 cm de espessura mínima e 0,9 cm de espessura máxima (Fig. 16).

ARA/04/358 Vaso.

Fragmento de fundo de base plana. A pasta é bastante compacta, com muitos mas pequenos elementos não plásticos (sobretudo micáceos — biotite e moscovite), de cor castanha. As superfícies, alisadas, exibem cor castanha. Mede 11,6 cm de diâmetro da base e as paredes têm de 0,7 cm a 0,9 cm de espessuras mínima e máxima, respectivamente (Fig. 16).

ARA/04/155 Vaso.

Dois fragmentos, abrangendo cerca de metade de fundo plano e parte da metade inferior do bojo da peça. A pasta mostra-se bastante compacta e homogénea, contendo alguns desengordurantes de grão pequeno e alguns médios (quartzo e mica), de cor cinzenta. As superfícies são alisadas, embora a base esteja irregular, de cor cinzenta escura, mais acastanhada no interior, onde também é possível verificar marcas da produção a torno. Mede 10,5 cm de diâmetro do fundo e as paredes têm 0,4 cm de espessura mínima e 1,0 cm de espessura máxima (Fig. 16).

ARA/04/482 Vaso.

Fragmento de fundo de base aplanada e arranque do corpo. A pasta apresenta-se relativamente compacta, com muitos desengordurantes de pequena a grande dimensão (quartzíticos e micáceos), de cor cinzenta clara. As superfícies são alisadas, excepto a base que se encontra irregular, de cor castanha. Mede 19,5 cm de diâmetro do fundo e as paredes têm 1,1 cm de espessura mínima e 2,8 cm de espessura máxima (Fig. 16).

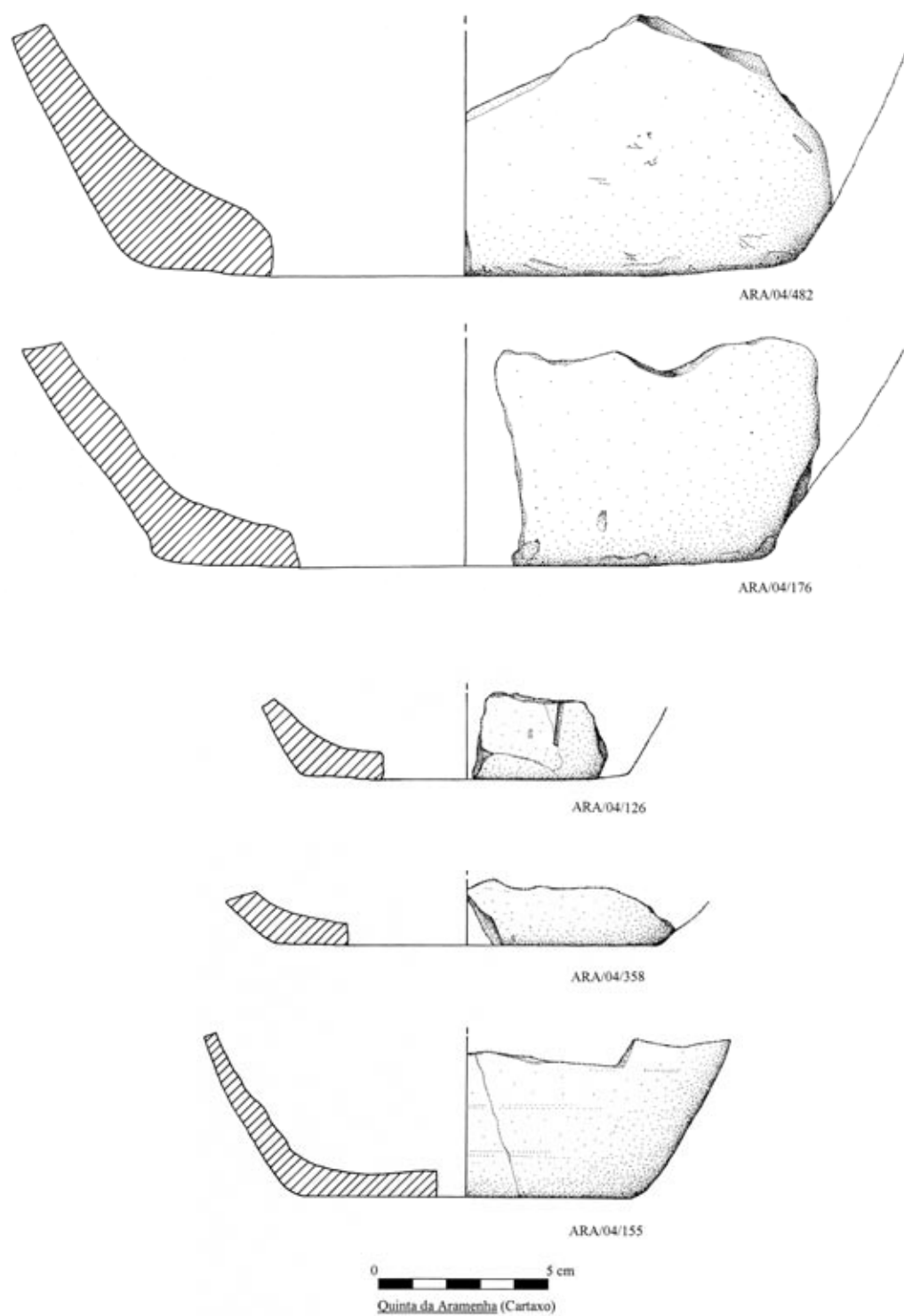


Fig. 16

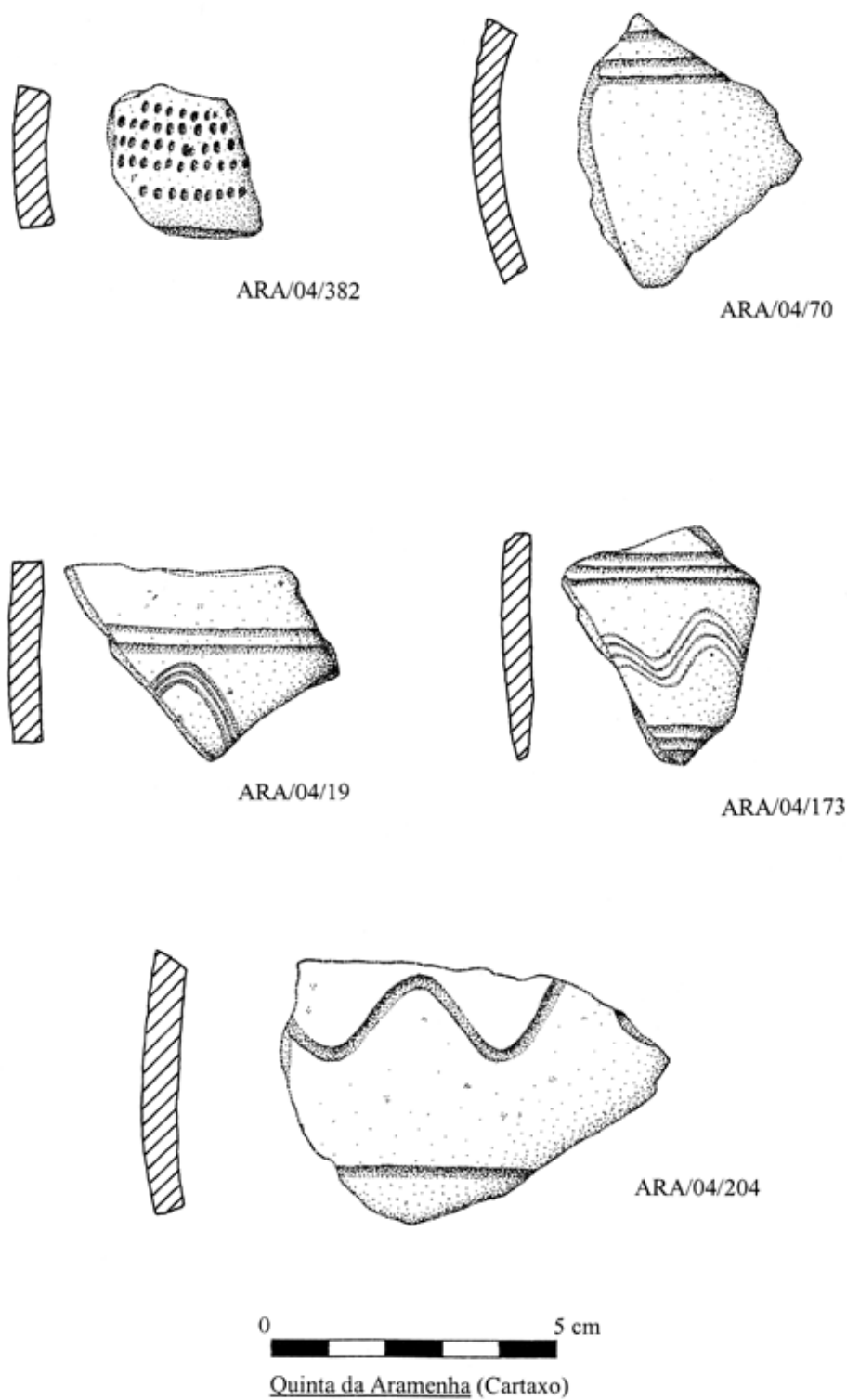
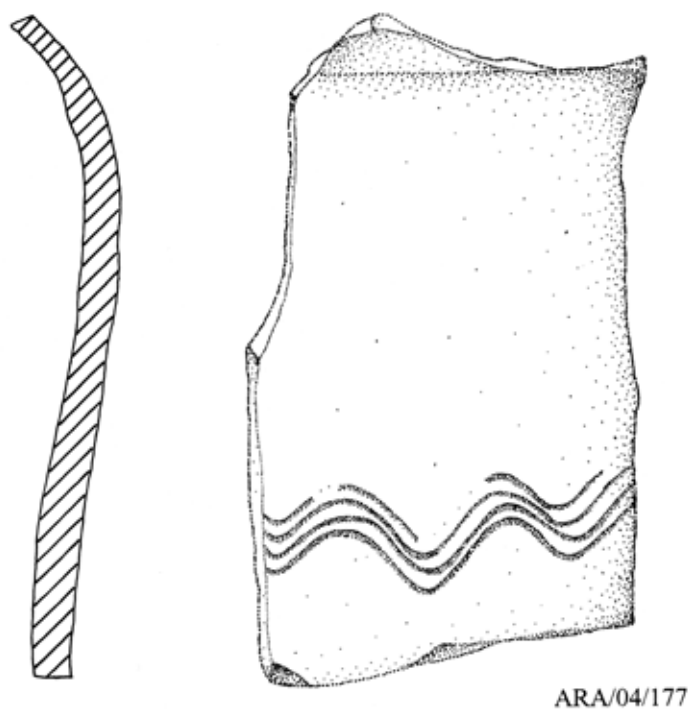
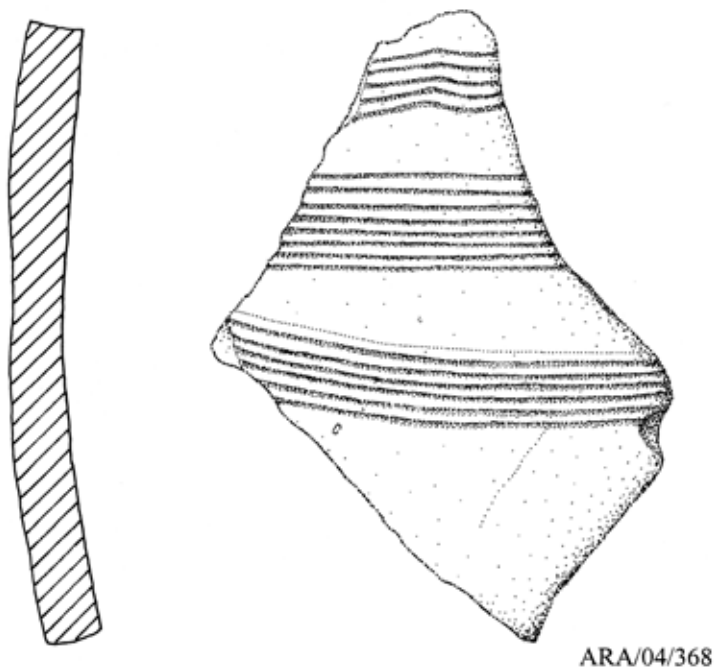


Fig. 17



Quinta da Aramenha (Cartaxo)

ARA/04/176 Vaso.

Fragmento conservando parte de fundo aplanado, com suave espessamento externo. A pasta é relativamente compacta, com muitos elementos não plásticos de pequena a grande dimensão (quartzo e mica — biotite), de cor castanha. As superfícies estão apenas regularizadas, de forma mais deficiente no interior da peça, e são de cor castanha (interior) e castanha avermelhada (exterior). Mede 18,2 cm de diâmetro do fundo e as paredes têm 1,2 cm de espessura mínima e 2,0 cm de espessura máxima (Fig. 16).

ARA/04/382 Indeterminado.

Pequeno fragmento de parede. A pasta apresenta-se compacta e homogênea, com bastantes elementos não plásticos de reduzida dimensão (nomeadamente quartzo e mica), de cor cinzenta. As superfícies mostram-se alisadas e são de tonalidade castanha acinzentada. Oferece decoração impressa a punção, característica do Neolítico Antigo. Mede 0,6 cm de espessura média (Fig. 17).

ARA/04/70 Indeterminado.

Fragmento de parede, correspondendo ao bojo do recipiente. A pasta apresenta-se bastante compacta e homogênea, contendo alguns desengordurantes de reduzida dimensão (quartzo e mica — moscovite), de cor cinzenta clara. Ambas as superfícies, alisadas, são de cor castanho-acinzentada. Oferece decoração composta por, pelo menos, três caneluras horizontais paralelas. Mede 0,5 cm de espessura média (Fig. 17).

ARA/04/19 Indeterminado.

Fragmento de parede do corpo da peça. A pasta é compacta, mas contendo bastantes desengordurantes de pequena e média dimensão (sobretudo mica — moscovite e biotite), de cor cinzenta. Ambas superfícies são de cor castanha e foram alisadas. Oferece decoração composta por duas caneluras finas sob as quais se encontram motivo ondulado feito a pente de três pontas. Mede 0,5 cm de espessura média (Fig. 17).

ARA/04/173 Indeterminado.

Fragmento de parede do bojo da peça. A pasta apresenta-se relativamente compacta mas pouco homogênea, com muitos elementos não plásticos de pequena a grande dimensão (quartzíticos e micáceos — biotite e moscovite), de cor castanha alaranjada. As superfícies foram apenas regularizadas, e ostentam cor de laranja. Oferece decoração, na superfície exterior, realizada a pente de quatro pontas, formando motivo ondulado entre duas séries de três/quatro caneluras finas. Mede 0,5 cm de espessura média (Fig. 17).

ARA/04/204 Indeterminado.

Fragmento conservando parte de parede do bojo. A pasta é relativamente compacta, contendo muitos elementos não plásticos de pequena a grande dimensão (nomeadamente quartzo e mica), de cor cinzenta. As superfícies mostram-se alisadas, de cor castanha clara. Oferece decoração composta por linha ondulada sobre canelura horizontal, pouco profunda. Mede 0,6 cm de espessura média (Fig. 17).

ARA/04/368 Indeterminado.

Fragmento de parede correspondendo a porção do corpo. A pasta apresenta-se compacta e homogênea, com muitos desengordurantes de grão pequeno a médio (sobretudo micáceos

— moscovite e biotite), de cor castanha alaranjada. As superfícies são alisadas, de cor castanha. Oferece decoração realizada a pente, formando três bandas de cinco, sete e oito linhas horizontais paralelas, sendo que a primeira série exibe uma ligeira ondulação. Mede 0,8 cm de espessura mínima e 1,0 cm de espessura máxima da parede (Fig. 17).

ARA/04/177 Indeterminado.

Fragmento de parede, conservando arranque do colo. A pasta mostra-se relativamente compacta, contendo muitos elementos não plásticos de grão médio (quartzo e mica), de cor castanha. As superfícies foram apenas regularizadas, de forma mais deficiente no interior, e mostram tonalidade castanha alaranjada. Oferece ainda decoração realizada a pente de quatro pontas, formando uma banda de linhas onduladas. Mede 0,4 cm de espessura mínima e 0,7 cm de espessura máxima da parede (Fig. 17).

ARA/04/1 Ânfora.

Asa bífida, de duplo rolo e secção geminada. A pasta apresenta-se bastante compacta e homogénea, com poucos elementos não plásticos de pequena dimensão (sobretudo mica — biotite), de cor cinzenta. As superfícies são alisadas, de cor castanha clara. Mede cerca de 10 cm de comprimento máximo, 2,8 cm de largura e 1,9 cm de espessura máxima (Fig. 18).

ARA/04/18 Vaso (?).

Fragmento de bordo, ligeiramente extrovertido com lábio de secção semicircular, conservando arranque de asa em fita simétrica, de perfil elíptico. A pasta é compacta, contendo bastantes desengordurantes de média e grande dimensão (quartzo, mica e calcário), de cor cinzenta. As superfícies, irregulares, oferecem tonalidade alaranjada. Mede 17 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,7 cm de espessura mínima e 0,9 cm de espessura máxima (Fig. 18).

ARA/04/220 Taça.

Pequeno fragmento conservando porção de bordo extrovertido e aplanado. A pasta é compacta, com muitos desengordurantes de pequena e média dimensão (quartzo, mica e feldspato), de cor cinzenta. As superfícies são apenas regularizadas de cor laranja. Mede 12 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,3 cm de espessura mínima e 0,6 cm de espessura máxima (Fig. 19).

ARA/04/209 Taça.

Fragmento de bordo espessado interiormente, com lábio de perfil boleado, sem demarcação do resto do corpo da peça. A pasta apresenta-se compacta e homogénea, contendo muitos elementos não plásticos de pequena e média dimensão e alguns grandes (quartzo, mica e feldspato), de cor cinzenta clara. As superfícies mostram-se regularizadas, de tonalidade rosada. Mede 13,2 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,7 cm de espessura mínima e 0,8 cm de espessura máxima (Fig. 19).

ARA/04/205 Taça.

Fragmento de bordo extrovertido e aplanado. A pasta mostra-se compacta e homogénea, com bastantes desengordurantes de grão pequeno e médio (quartzo, mica — biotite, feldspato), de cor laranja. As superfícies, alisadas, são de tonalidade alaranjada. Mede 16,8 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,3 e 0,6 cm de espessuras mínima e máxima, respectivamente (Fig. 19).

ARA/04/ 221 Taça.

Fragmento conservando porção de bordo extrovertido, com lábio de secção semicircular. A pasta apresenta-se muito compacta e homogênea, com alguns elementos não plásticos de pequena dimensão (quartzo e mica — biotite), de cor cinzenta. As superfícies são alisadas, de cor castanha alaranjada, com marcas de produção a torno no interior. Parece ainda oferecer engobe acastanhado na superfície externa. Cerca de 1,6 cm abaixo do bordo, sobre o colo, ostenta decoração composta por, pelo menos, uma canelura horizontal, relativamente profunda. Mede 16,8 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,3 cm de espessura mínima e 0,6 cm de espessura máxima (Fig. 19).

ARA/04/ 212 Vaso.

Pequeno fragmento de bordo vertical, espessado no exterior, com ressalto no interior, com lábio de secção triangular. A pasta é compacta, com bastantes desengordurantes de pequena a grande dimensão (quartzo, mica — biotite e feldspato), de cor laranja. As superfícies encontram-se alisadas, de cor igualmente laranja, mas um pouco mais claro que o núcleo. Mede 19,8 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,4 cm de espessura mínima e 1,0 cm de espessura máxima (Fig. 19).

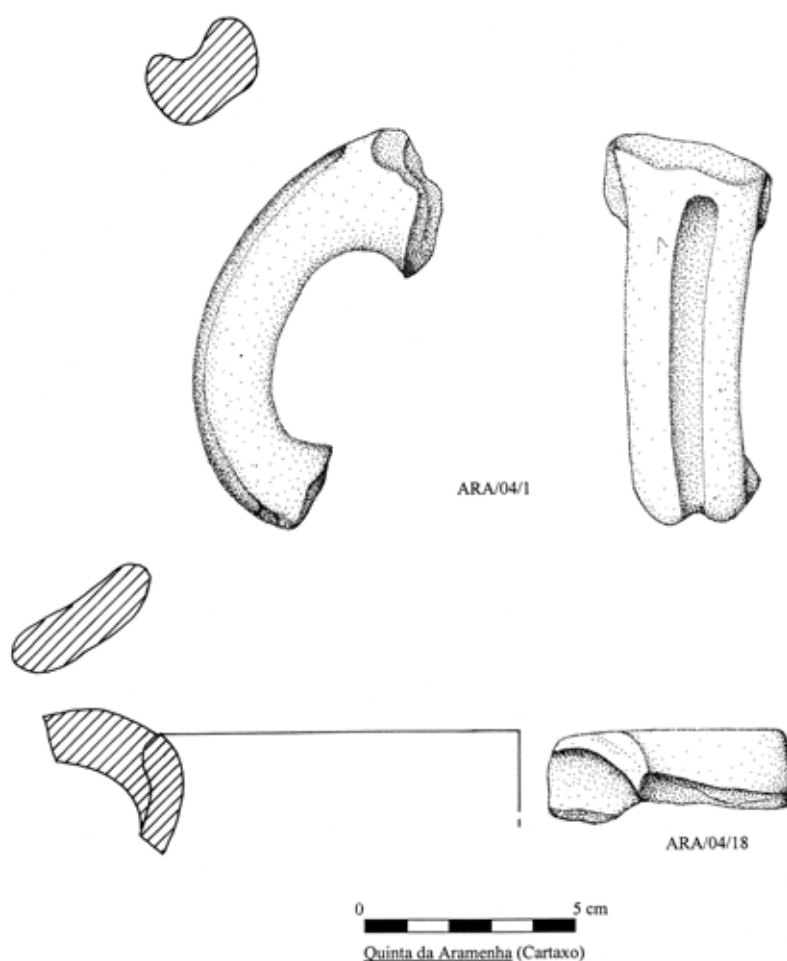


Fig. 18

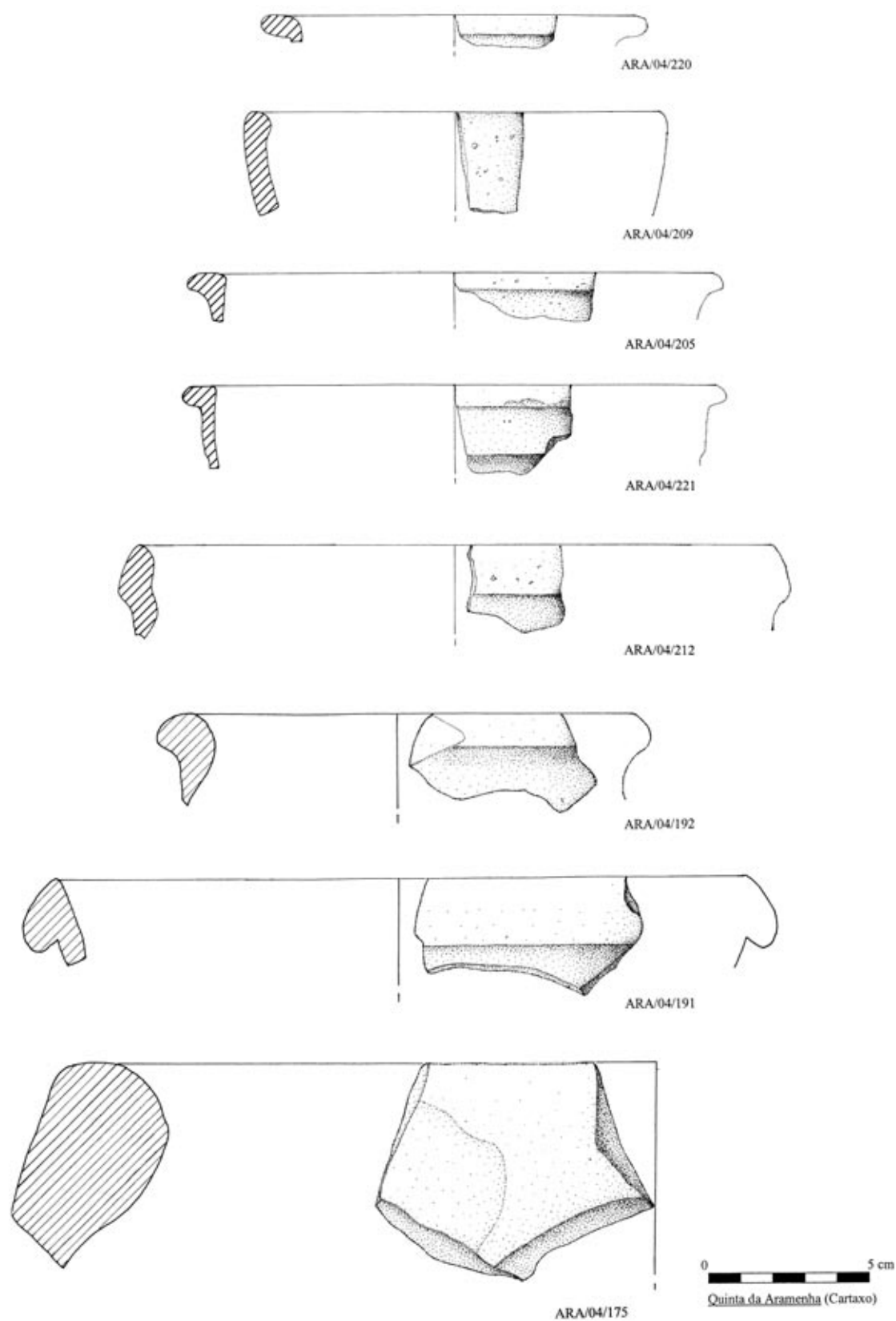


Fig. 19

ARA/04/192 Vaso.

Fragmento de bordo extrovertido, com lábio de secção triangular. A pasta apresenta-se muito compacta e homogénea, com alguns elementos não plásticos de reduzida dimensão (nomeadamente mica — biotite e feldspato), de cor castanha clara. As superfícies, alisadas, mostram tonalidade rosada. Mede 15 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,3 cm de espessura mínima e 1,8 cm de espessura máxima (Fig. 19).

ARA/04/191 Vaso.

Fragmento de bordo extrovertido, com lábio pendente de secção subtriangular. A pasta é bastante compacta e homogénea, com alguns desengordurantes de pequena dimensão e alguns grandes (quartzo, biotite e feldspato), de cor cinzenta. As superfícies são alisadas de cor laranja, mostrando marcas de produção a torno. Mede 21,8 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 0,7 cm de espessura mínima e 1,8 cm de espessura máxima, no bordo (Fig. 19).

ARA/04/175 *Dolium* (?).

Pequeno fragmento do bordo, introvertido e espessado internamente. A pasta apresenta-se compacta, contendo muitos elementos não plásticos de grão médio e grande (quartzo, calcário, mica e feldspato), de cor castanha. As superfícies são irregulares, de cor castanha. Mede cerca de 37 cm de diâmetro do bordo e as paredes têm 2,4 e 4,0 cm de espessuras mínima e máxima, respectivamente (Fig. 19).

5. Integração cultural

O rio Tejo, como grande curso de água peninsular, resultou, desde os tempos mais remotos da Pré-História, num pólo de atracção das comunidades humanas, cujas características condicionaram a fixação das gentes. Durante a Proto-História não foi diferente. A ocupação humana, ao longo das margens do Tejo, tanto na zona estuarina como no seu curso médio, foi deveras intensa.

O povoado da Quinta da Aramenha teve uma longa ocupação através dos tempos. Foi encontrado um conjunto de materiais, pertencentes a diferentes períodos cronológicos, que comprovam isso mesmo. A primeira ocupação deste arqueossítio poderá remontar ao Neolítico, atendendo ao fragmento de cerâmica manual com decoração puncionada, característica deste período. De todo o espólio encontrado, a maioria dos materiais identificados podem ser enquadrados na Idade do Ferro, sendo que alguns deles podem ascender à Idade do Bronze Final.

Durante a Idade do Bronze Final, assistimos ao desenvolvimento natural das sociedades, baseado no incremento da exploração mineira e comercial, que terão sido sujeitas às influências culturais, a contributos exógenos, provenientes da Europa Central Atlântica e do Mediterrâneo Oriental.

Através dos povoados conhecidos no Sul de Portugal, sabe-se que os assentamentos humanos privilegiavam áreas de terrenos agrícolas férteis, na proximidade de importantes recursos naturais, nomeadamente minerais, e de vias de comunicação e comércio.

Os depósitos aluvionares da bacia inferior do Tejo, terras ainda hoje bastante produtivas, proporcionavam uma agricultura intensiva e em extensão, eventualmente complementada pela criação de gado, de que dependiam para sobreviver as populações de fraco poder económico ou pequenos casais de aptidão económica agro-pastoril. A região beneficiava de abundantes linhas de

água, de um clima ameno e de fácil acesso aos recursos marítimos e fluviais, nomeadamente através da pesca e recollecção de moluscos.

Situada numa zona privilegiada, onde confluíam as diferentes vias marítimas e terrestres, integrada na região da Estremadura que terá funcionado como placa giratória de matérias-primas, tecnologias e comércio. “*O baixo curso do Tejo não poderia deixar de estabelecer desde cedo. E atendendo às excelentes condições de navegabilidade que oferece, importante meio de penetração no interior*” (Silva e Gomes, 1994, p. 111). Por outro lado, a Quinta da Aramenha está integrada num conjunto de pequenos povoados que, na margem esquerda do rio Tejo, utilizavam caminho que, seguindo o rio, ligaria Lisboa a Santarém, via essa que sempre serviu uma região muito abonada, a nível agro-pecuário, como industrial e comercial.

Os diversos registos de povoados da Idade do Bronze Final conhecidos a norte do rio, no concelhos de Torres Vedras, Torres Novas, Bombarral, Abrantes, Mafra, Cadaval, Rio Maior, Alcarenha ou Alenquer, quer nas zonas mais ribeirinhas, quer nas áreas mais interiores, contrasta com o desconhecimento da ocupação humana na margem sul.

“Infelizmente, a qualidade de informação disponível não é proporcional à sua quantidade. O que se conhece da grande maioria destes sítios é quase nada, existindo apenas breves notícias que registam, maioritariamente, achados de superfície” (Vilaça e Arruda, 2004, p. 25).

Na região do Ribatejo são poucos os estudos de povoados datados destes períodos, existindo apenas breves notícias sobre achados de superfície, e quase nenhum foi alvo de escavação e estudo mais aprofundado. Os únicos recentemente abordados foram o da “Tapada da Ajuda” (Lisboa), o do “Moinho da Atalaia” (Amadora) e o de “Almaraz” (Almada), todos eles localizados na foz do Estuário do Tejo.

Ao contrário da realidade observada a partir do curso médio do Tejo, onde os sítios de habitat da Idade do Bronze Final conhecidos estão exclusivamente localizados em relevos destacados na paisagem, na zona estuarina encontramos, paralelamente aos povoados implantados em zonas altas, por vezes amuralhados, sítios estabelecidos em cotas mais baixas, sem preocupações ao nível defensivo, como assistimos na Tapada da Ajuda, em Lisboa (Cardoso e Silva, 2004).

A maioria dos estabelecimentos humanos seria constituída por pequenos habitats, baseados na exploração agro-pecuária, possivelmente em regime familiar. “*Pequenas granjas daquele tipo distribuíam-se pelas encostas suaves, com terrenos férteis e sem condições naturais de defesa, de ambas orlas do baixo estuário do Tejo*” (Silva e Gomes, 1994, p. 106).

Corresponderiam, portanto, a um conjunto de casais agrícolas dispersos na região, associados aos terrenos férteis do vale do Tejo, excluídos da esfera da produção e circulação do bronze, eventualmente dependentes ou subordinados a outros povoados maiores, hierarquicamente superiores, onde a Quinta da Aramenha, agora dada a conhecer, poderia estar inserida.

Os materiais que têm sido recolhidos nos diversos habitats de pendor rural desta região são semelhantes, sugerindo estratégias idênticas de exploração de recursos, destacando-se a ausência da decoração de retícula brunida, ainda que o brunimento tenha sido utilizado como técnica de acabamento das superfícies dos vasos (Vilaça e Arruda, 2004, p. 18, 27), sendo frequentes as cerâmicas carenadas, por vezes brunidas, taças e vasos, com superfícies alisadas e cozidas, geralmente, em ambiente redutor, assim como elementos de foice denticulados, em sílex, e restos de fauna mamalógica e malacológica.

Nos povoados com ocupação da Idade do Bronze Final encontramos uma cultura material cerâmica de fabrico local ou regional, onde predominam as pastas semicompactas e grosseiras, reflectindo uma grande variedade de ambientes de cozedura, ainda que maioritariamente em ambiente redutor, podendo apresentar as superfícies polidas ou simplesmente alisadas. As cerâmi-

cas repetem ou evoluem as formas anteriormente conhecidas, complexificando-se as técnicas de fabrico, e o repertório cerâmico, atribuível à transição do segundo para o primeiro milénio a.C., evidencia a diversidade de influências assimiladas pela região.

São frequentes as cerâmicas de paredes espessas e superfícies rugosas, sem tratamento, de recipientes de grandes dimensões, para armazenamento de alimentos ou líquidos, cuja reconstituição formal é dificultada pelo seu grande tamanho e fragmentação, assim como surgem cerâmicas de paredes grossas e superfícies brunidas. Morfológicamente tratar-se-á de formas fechadas, tipo potes ou grandes vasos, geralmente associados a funções de armazenagem e transporte de alimentos.

Paralelamente reconhecem-se cerâmicas de paredes finas, fabricadas com pastas de grande qualidade, de superfícies alisadas, de formas médias e pequenas, como panelas globulares de colos rectos e taças de carena alta e colo recto, e cerâmica de paredes finas, de pastas bem depuradas e superfícies brunidas, de grande qualidade, onde se integram, essencialmente, as formas abertas, mais pequenas, como as taças de carena média e colos rectos (Martín Bravo, 1999, p. 62, 63). Aliás, neste grupo se incluem a maioria das taças carenadas, forma habitual durante este período, recipiente de uso individual certamente relacionado com a preparação e consumo de alimentos.

As superfícies apresentam-se de uma maneira geral cuidadas, sobretudo alisadas ou “cepilladas” (efeito resultante de um alisamento menos cuidado) mas também brunidas, sendo que o seu tratamento deverá estar necessariamente relacionado com a sua forma e função. Entre as escassas decorações conhecidas neste período, de características muito simplistas, cujas técnicas se limitam a incisões ou impressões sobre o bordo e os cordões plásticos, formando motivos pobres, como linhas rectas ou oblíquas, eventualmente em ziguezague ou espinha.

A actividade de transformação de metais parece estar presente em grande parte dos assentamentos deste período, sob a forma de produto final ou processo de produção (como os cadinhos e os restos de fundição). Dado a natureza não destrutiva dos trabalhos realizados na Quinta da Aramenha, não foi possível detectar nenhum vestígio relacionado com aquela actividade, os quais devem, certamente, existir. No entanto, aquele pequeno estabelecimento deverá ter funcionado essencialmente como casal agrícola, onde, à semelhança de outros, o metal seria escasso e se dedicariam a uma intensa actividade agrícola (Cardoso e Silva, 2004, p. 233).

A existência de uma intensa malha de pequenas instalações sem preocupações de defensibilidade, que dá início a uma intensa ocupação rural do nosso território, paralela aos grandes assentamentos, muitas das vezes fortificados, irá caracterizar igualmente os primeiros momentos da Idade do Ferro (Mataloto, 2004, p. 165).

Embora muitos povoados sejam abandonados no final da Idade do Bronze, a verdade é que alguns voltam a ser reocupados, a partir dos finais do século VI a.C., assim como outros assentamentos da margem esquerda do Tejo, da Idade do Bronze Final, de fundo cultural autóctone, evoluíram naturalmente e receberam os contributos da Idade do Ferro. Exemplo dessa evolução encontramos no Moinho da Atalaia, reconhecendo-se no estrato superior cerâmica montada a torno, como as “cinzentas” de importação, as de cor alaranjada, e fragmentos de ânforas ibero-púnicas, com características asas bífidas (Pinto e Parreira, 1978).

Durante a Idade do Ferro Inicial assistimos ao progressivo abandono dos lugares altos, destacados na paisagem e de difícil acesso, em favor dos sítios camuflados na paisagem, que procuram as margens dos rios, assegurando também uma boa defesa natural, mas com uma notória perda de controlo visual sobre o território circundante, processo que se estende na Idade do Ferro Pleno.

O acentuar da complexificação económica e social das comunidades, emergente desde a Idade do Bronze Final, sob a influência crescente, de índole comercial, do Próximo Oriente, com presen-

ças fenícias e gregas, resulta a I Idade do Ferro, contributos responsáveis por diversas inovações, como a transformação do ferro, a cerâmica montada a torno e a escrita.

Este desenvolvimento reflectiu-se igualmente no estabelecimento de instalações com finalidades comerciais e na colonização de regiões menos populosas, no desenvolvimento urbano dos assentamentos mais antigos e nova organização político-administrativa, consolidada e centralizada por elites poderosas.

Aliás, muitos dos actuais grandes aglomerados urbanos foram fundados em tempos proto-históricos. Também no Baixo Vale do Tejo, nomeadamente em Almaraz (Almada), em Lisboa ou na alcáçova de Santarém, fundaram-se *emporia* fenícios, onde se recuperaram inúmeros materiais importados daquela origem. As cerâmicas recolhidas foram, na sua maioria, montadas a torno rápido, e incluem pratos de “verniz vermelho”, “cerâmicas cinzentas”, ânforas e grandes vasilhas de asas bífidas.

Os assentamentos habitacionais podem-se dividir entre os grandes recintos amuralhados, “urbanizados”, povoados onde residiam as elites, e os pequenos habitats, dedicados à exploração agro-pastoril, comunidades de características rurais onde, ao contrário do que acontecia nos entrepostos comerciais, a cultura material exógena chegou tarde, muito lenta e residualmente ou sob a forma de cópias realizadas a nível regional.

Apesar do aparecimento das cerâmicas a torno, a partir do final do século VIII a.C., dando origem ao desenvolvimento de novas morfologias e técnicas e gramáticas decorativas, as cerâmicas de produção manual continuaram presentes em grande quantidade, cujas formas, técnicas decorativas e acabamentos vêm na tradição da época anterior.

As cerâmicas de produção manual da Idade do Ferro, como herdeiras das do Bronze Final, são muitas vezes difíceis de distinguir umas das outras, sobretudo em povoados ocupados em ambos períodos. Recorrem-se a cozeduras mais oxidantes, realçando-se as pastas de cores castanha e avermelhada em detrimento das tonalidades mais escuras, desaparecem praticamente as superfícies brunidas, dominando as superfícies sem tratamento, com aspecto mais tosco (Martín Bravo, 1999, p. 111), tal como podemos observar nos materiais recolhidos na Quinta da Aramenha.

Embora as técnicas de fabrico se mantenham, registam-se algumas alterações formais, com o domínio de potes e/ou panelas de formas simples, de paredes quase verticais, globulares rematadas por colo recto ou panelas de perfil em S. Conhecem-se igualmente um vasto conjunto de formas abertas, onde se mantêm as taças carenadas cozidas em ambiente redutor de superfícies polidas ou mesmo brunidas, integrando as taças de carena alta e bordo recto, taças de carena alta e bordo reentrante, mas também taças semiesféricas com a parede quase recta.

Raras vezes decoradas, mostram motivos e técnicas semelhantes à fase antecedente, através de incisões e ungulações, nos bordos, no colo ou na parte superior do bojo. Aqui encontramos motivos incisos realizados com instrumento punctiforme ou pente de quatro pontas, digitações e cordões digitados.

Com a evolução da Idade do Ferro registamos pastas grosseiras, amareladas ou cinzentas, de superfícies alisadas. As formas mais frequentes variam das panelas de paredes ligeiramente côncavas, colo ligeiramente estrangulado e bordo saliente, com fundo plano, vasos de paredes ligeiramente oblíquas, extrovertidas, com pé realçado, pequenas panelas globulares de bordos reentrantes e vasos troncocónicos e bitroncocónicos (Martín Bravo, 1999, p. 229).

Aparecem com maior frequência as decorações, sendo a incisão a técnica mais utilizada. Os motivos são mais variados, desde as linhas oblíquas simples até aos reticulados, passando pelas linhas oblíquas contrapostas, as aspas, os zigzagues e os espinhados.

Carácter excepcional tem a decoração realizada a pente, descrevendo bandas horizontais de linhas rectas ou onduladas, semelhante à encontrada em alguns dos fragmentos cerâmicos reco-

lhidos na Quinta da Aramenha. Surgem por vezes os mamilos ornamentais, a aplicação de cordões e os estampilhados, em forma de ângulos e rosetas de quatro pétalas.

No que respeita às cerâmicas fabricadas a torno, predominam as vasilhas de formas estandarizadas, de cor cinzenta ou de produções oxidantes, destacando-se os pratos e as taças, os quais apresentam por vezes, nas superfícies, engobes vermelhos espessos e bem aderentes. A temática decorativa ganha nova inspiração, através das bandas pintadas e dos estampilhados.

São comuns as cerâmicas a torno lento, cozidas em ambiente redutor, de superfícies por vezes brunidas ou decoradas por cordões, grandes taças hemisféricas ou carenadas de bordo extrovertido, superfícies polidas e caneluras paralelas, recipientes de colo subvertical e vasos de perfil em “S”, encontradas em contextos habitacionais.

Assistimos ao aumentado progressivo da variedade formal e a qualidade, nomeadamente panelas globulares ou ovóides de colo recto e bordo extrovertido, vasilhas globulares ou ovóides sem colo e bordos reentrantes, pequenas panelas de perfil em “S” com asas, taças esféricas de base plana ou com pé anelar, panelas com colo pouco desenvolvido e rematadas por bordos em “bico de pato”, panelas troncocónicas com colo saliente e bordo triangular, vasos de paredes quase rectas e taças de perfil em S (Martín Bravo, 1999, p. 111).

Mantêm-se as pastas grosseiras normalmente relacionadas com os recipientes de maiores dimensões e as produções mais cuidadas surgem, sobretudo, nas formas mais pequenas. As pastas são ricas em elementos não plásticos, desengordurantes, de médio e grande tamanho, que confere às peças um aspecto algo tosco.

Predominam as cozeduras oxidantes, realçando as pastas de tons alaranjados e avermelhados. A cerâmica alaranjada, por vezes de tonalidades rosadas, oferecem de uma maneira geral pastas bem depuradas com finos desengordurantes.

Contudo, são igualmente típicas deste momento inicial da Idade do Ferro, as cozeduras a temperaturas baixas, em ambientes redutores, pobres em oxigénio e ricas em hidrogénio e monóxido de carbono, conferindo às peças a cor cinzenta escura como uma tonalidade predominante, sendo as superfícies alisadas, eventualmente polidas.

São as chamadas cerâmicas cinzentas, de paredes polidas a torno, presente sobretudo em taças e pratos mas também em potes e outras formas, presentes nos níveis da Idade do Ferro dos centros urbanos mais importantes da época, como Lisboa, Santarém, Almada (Almaraz) ou Alcácer do Sal (Arruda, Freitas e Sánchez, 2000, p. 43).

Igualmente de forma frequente, aparecem as ânforas em povoados no estuário e norte Tejo, ainda na II Idade do Ferro, devido, fundamentalmente, à influência oriental a que toda esta região esteve sujeita e que testemunham o transporte dos mais variados bens comerciais. Neste contexto salienta-se fragmento de asa bífida de ânfora, recuperado na Quinta da Aramenha.

Em meados do século V a.C. muitos povoados do sul do território entraram em declínio ou foram mesmo abandonados. As influências culturais, agora essencialmente de origem continental, são responsáveis por profundas transformações que originaram a II Idade do Ferro e os tipos de assentamento humano acompanham a complexificação e a instabilidade económica, ainda de base predominantemente agro-pastoril.

Surgem os vasos de formas ovóides ou esféricas, geralmente de colo demarcado e bordo extrovertido, muitas vezes decorados por estampilhagem organizada na vertical, de que não dispomos quaisquer exemplares, por vezes ostentando cordões em relevos e decorações incisivas ou caneladas.

Os materiais recolhidos em diversos locais do sul de Portugal reflectem a miscigenação dos influxos culturais mesetenhos e meridionais. As cerâmicas grosseiras, de cores escuras, com deco-

rações plásticas, incisadas e impressas, acompanham as cerâmicas de pastas bem depuradas, de paredes mais finas, cozidas em ambiente oxidante, estampilhadas, pintadas ou com decorações coroplásticas.

Na alcáçova de Santarém, por exemplo, bem próxima da Quinta da Aramenha, os materiais da II Idade do Ferro mostram, paralelamente ao desenvolvimento da cultura material local, novos contributos peninsulares e trocas comerciais com os púnicos.

Em meados do século II a.C., no ano de 138, esta região foi alvo das campanhas de pacificação conduzidas pelo cônsul romano Décimo Júnio Bruto. As influências itálicas reflectem-se nas cerâmicas campanienses, ânforas, fíbulas e numismas.

Ocupação do sítio da Aramenha parece prolongar-se para além da II Idade do Ferro, como sugerem as cerâmicas de pastas alaranjadas e mais bem depuradas, de taças e vasos de bordos extrovertidos aplanados, bem como fragmento de bordo de grande pote de armazenamento, muito idêntico aos romanos, eventualmente de um *dolium*.

Quanto aos materiais de construção, existem dispersos em grandes quantidades ao longo do cabeço, assim como, apareceram também em grandes quantidades no corte que foi feito. Aos fragmentos de tijolos e telhas de meia cana vêm-se juntar alguns, poucos, fragmentos de cerâmica pertencente à Idade Moderna, e com estes elementos, a certeza que a ocupação humana da Quinta da Aramenha se prolongou por diferentes períodos cronológicos.

NOTAS

- ¹ Arqueólogas – *Archeocélis*, Investigações Arqueológicas, Lda.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1994) - *Idade do Ferro. Catálogo*. Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- ALARCÃO, J. (1996) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C. (catálogo de exposição)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ALARCÃO, A.; CORREIA, V. H. (1994) - Cerâmicas comuns da Idade do Ferro de Conímbriga. In *Idade do Ferro. Catálogo*. Figueira da Foz: Câmara Municipal; Museu Municipal Dr. Santos Rocha, p. 99-102.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC.
- ARRUDA, A. M. (1993a) - A Idade do Ferro no Centro/Sul. In *História de Portugal*. Amadora: Ediclube. Vol. II, p. 80-87.
- ARRUDA, A. M. (1993b) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*. Lisboa, 4, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 3:2, p. 26-59.
- ARRUDA, A. M.; VILAÇA, R. (2004) - Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conímbriga*. Coimbra, 43, p. 11-45.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. IIª série, 2, p. 122-127.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conímbriga*. Coimbra, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7:1, p. 227-271.
- CORREIA, V. H. (1997) - Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 37:3-4, p. 41-85.
- MARTÍN BRAVO, A. M. (1999) - *Los orígenes de Lusitania: el I milenio a.C. en la Alta Extremadura*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- MATALOTO, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 37).

- MATALOTO, R. (2004) - Meio mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 139-173.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas de Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 145-163.
- RENFREW, C.; BAHN, P. (1993) - *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. Madrid: Akal, p. 166-170.
- SILVA, A. C. F. da; GOMES, M. V. (1994) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR.
- VILAÇA, R.; BASÍLIO, L. (2000) - Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça. *Al-madan*. Almada. IIª série. 9, p. 39-47.